

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: Amaz./Internac.
 Data 15/08/93 Pg.: 10 116

O Elo mais Forte

Em sessão reservada na Comissão de Defesa Nacional da Câmara, os generais-de-brigada **Ciro Imbuzeiro** e **Carlos Uchôa**, subchefes do Estado Maior do Exército, alertaram os congressistas para a dramática vulnerabilidade da região amazônica e a crescente presença militar americana em países que têm fronteira com o Brasil na Amazônia legal.

Ressalvando que o caso não é para xenofobia nem negligência, os dois oficiais descreveram com detalhes um amplo cinturão militar externo composto de bases tecnologicamente avançadas na Guiana, Venezuela, Colômbia e Bolívia. Como se isso não bastasse, foram alegadamente instalados dois sofisticados centros de observação por radar perto de nossas fronteiras, na Venezuela e na Colômbia, capazes de fiscalizar todo o espaço da Amazônia legal brasileira.

Por mais que o Departamento de Estado e o embaixador americano no Brasil tenham se esmerado em negar a existência de bases na região e em banalizar as manobras conjuntas com nossos vizinhos, é evidente que o Panamá não satisfaz mais os interesses dos Estados Unidos no hemisfério Sul. Comentários de que tudo se resumiria a um grosseiro expediente dos militares brasileiros para arrancar verbas estão longe de esgotar o assunto.

E isto pelas mais variadas razões. Em primeiro lugar, esta gigantesca região de 6,4 milhões de km², que contém a metade da riqueza biológica mundial e de 15% a 20% da água doce do planeta, é escassamente povoada e geopoliticamente instável. O narcotráfico, a destruição da floresta tropical e o contrabando são algumas de suas endemias. É conhecida a ação dos cartéis colombianos e as pretensões territoriais da Venezuela em relação a Guiana, o elo mais fraco da cadeia.

Ninguém desconhece ainda que existe interesse e preocupação internacional com a Amazônia. A movimentação americana é o mais óbvio indicio do interesse despertado pela luxuriante biodiversidade da floresta tropical úmida, que

inclui partes de oito países (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela). Nada impede que determinados setores comecem por sustentar que a Amazônia é um patrimônio da humanidade, para, em seguida, pedir sua "internacionalização".

Mas é preciso ir devagar com o andar. Por mais precários que sejam nossos meios de vigilância e domínio sobre a Amazônia, o Brasil é sem sombra de dúvida o elo mais forte da região. O que está faltando é ampliar a concepção restritiva dos militares sobre sua defesa.

Sem dúvida, um bom sistema de radares (o Sivam), que garanta a defesa do espaço aéreo e a proteção dos vãos, é fundamental. Mas não se deve confundir defesa de fronteiras com controle territorial. Do ponto de vista militar, fortificações tradicionais espalhadas pela selva e armas convencionais nada significam nesse "planeta" erizado e impenetrável.

Sua conquista e integração definitivas passam pela adoção de um projeto estratégico. Mao Tsé-Tung, um gênio estratégico, sabia disso. Tanto que conquistou a população chinesa muito antes de controlar por inteiro o território da China.

Mao estava menos interessado em cavar trincheiras e vedar o acesso ao terreno incorporado do que em cultivar os corações e mentes pela confiança. Ganha-se a confiança com projetos pilotos nas áreas da educação, saúde, habitação, e não com fortificações de concepção colonial. Daí a importância de um esforço integrado que compreenda as Forças Armadas, a Sae, a Polícia Federal, a Funai e os Ministérios do Meio Ambiente, Saúde e Educação.

É um erro pensarmos apenas em preservar a inviolabilidade da Amazônia. A Amazônia não é uma cidadela. É um trunfo. O crescente interesse pela região é a melhor prova de que está na hora de começarmos a usar a nosso favor essa fabulosa reserva biológica.